

A PRÁTICA DO SILÊNCIO



Carlos Mesters

PNV 291

A prática do silêncio

Carlos Mesters

São Leopoldo/RS



2012

© Centro de Estudos Bíblicos
Rua João Batista de Freitas, 558
B. Scharlau – Caixa Postal 1051
93121-970 – São Leopoldo/RS
Fone: (51) 3568-2560
Fax: (51) 3568-1113
vendas@cebi.org.br
www.cebi.org.br

Série: A Palavra na Vida – Nº 291 – 2012

Título: A prática do silêncio

Autor: Carlos Mesters

Capa: Artur Nunes

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

ISBN: 978 85 7733 158 1

Nota: As imagens que não têm suas fontes citadas são de domínio público na Internet.

CARLOS MESTERS é frade carmelita desde 1951. Estudou a Bíblia em Roma e em Jerusalém, de 1954 a 1963. Foi professor de Bíblia no seminário em São Paulo e Belo Horizonte de 1963 até 1973. A partir de 1973, trabalha com a Bíblia nas Comunidades Eclesiais de Base. Participa do CEBI desde o seu início até hoje.

Sumário

As muitas formas do silêncio	4
Uma sugestão para a dinâmica dos sete encontros	8
1º Encontro	
A lição de silêncio que nos vem da natureza	10
2º Encontro	
A lição de silêncio presente no esforço comunitário	14
3º Encontro	
Escutar a voz de Deus no grito calado dos sofredores.....	18
4º Encontro	
Escutar a voz de Deus no silêncio de todas as vozes.....	22
5º Encontro	
Aprender a enxergar a luz no apagão total.....	27
6º Encontro	
Escutar e enxergar Deus no silêncio e na escuridão	32
7º Encontro	
Escutar Deus que nos fala em Jesus Cristo	36

As muitas formas de silêncio

Escutar e aprender são sinônimos. Quem escuta aprende. Condição para escutar é fazer silêncio. Sem silêncio não se escuta. Silenciar para poder escutar, aprender e conversar. O que mais nos falta é o silêncio. Muitos desejam que alguém os escute. Mas não encontram um ouvido aberto, disposto a acolher o grito calado do irmão, da irmã.

Os vários tipos de silêncio

Há muitos tipos e muitas formas de silêncio: o silêncio de uma sala de estudo ou de uma biblioteca; o silêncio que se pede num hospital; o silêncio da noite ou da madrugada; o silêncio da natureza, o silêncio da morte; o silêncio que precede à tempestade; o silêncio do medo; o silêncio do censurado e do povo amordaçado; o silêncio do aluno que não sabe a resposta; o silêncio do fulano frustrado ou do jovem abafado; o silêncio do namorado na presença da namorada; o silêncio da quebra interior: tudo que a pessoa tinha imaginado e planejado até aquele momento cai no vazio e se desintegra, parece que não valeu nada; o silêncio do místico; o silêncio de Deus que nunca aparece. Tantos silêncios!...

Qual o silêncio que nos prepara para escutar o grito calado dos pobres e perceber o apelo de Jesus nos fatos da vida; para sentir a angústia da identidade abafada dentro de nós e acolher a voz de Deus na ausência de todas as vozes? Qual o silêncio que pode transformar a solidão em solidariedade e nos levar a dizer uma palavra de conforto

a quem está desanimado (Is 50,4)? É o silêncio dos profetas! Eles conseguem escutar a Palavra de Deus nos fatos da vida.

Este silêncio dos profetas tem dois aspectos aparentemente contraditórios entre si: de um lado, é fruto do nosso esforço, depende de nós; de outro lado, não depende de nós, é fruto da ação de Deus em nós.

“A justiça é cultivada pelo silêncio.” (Is 32,7)

O primeiro aspecto está expresso nesta frase do profeta Isaías: *A justiça é cultivada pelo silêncio* (Is 32,7, tradução da Vulgata). Cultivar a *justiça* pelo silêncio significa fazer silenciar, dentro de nós, tudo aquilo que impede a visão *justa* das coisas. Significa fazer com que a realidade apareça do jeito que ela é em si mesma e não como aparece desfigurada através da propaganda da ideologia dominante. Este primeiro aspecto é fruto do esforço nosso. Exige disciplina e reflexão crítica, para que a gente possa perceber os mecanismos dos preconceitos, das propagandas e da ideologia. Exige partilha, troca de experiências, trabalho comunitário.

Hoje em dia, o fluxo das palavras e imagens é tanto que nos impede de perceber a realidade tal como ela é. Envolve-nos de tal maneira que acabamos achando normal o que, na realidade, é uma situação de *morte*. A violência tornou-se tão normal e tão presente que já nos acostumamos. Vivemos numa situação de morte e não nos damos conta. E muitas vezes, o consumismo mata qualquer esforço de consciência crítica. O silêncio profético coloca o dedo nesta ferida. O profeta aponta a morte e as causas da morte, não porque gosta da morte, mas, sim, para que a vida possa manifestar-se. É uma exigência da própria *vida* que sejam apontados os falsos e ilusórios caminhos da *morte*, para que possamos despertar e iniciar a mudança ou conversão, tanto na vida pessoal como na convivência social. Este cultivo consciente do silêncio gera em nós a justiça.

“No silêncio e na esperança está a força de vocês.”

(Is 30,15)

O segundo aspecto do silêncio profético é fruto da ação de Deus em nós e está expresso nesta outra frase de Isaías: *No silêncio e na esperança está a força de vocês* (Is 30,15, tradução da Vulgata). Silenciada em nós a voz barulhenta dos preconceitos, das ambiguidades, da cultura imposta, a voz do falso Ego, a pessoa se abre para escutar o outro lado das coisas e se dispõe para “escutar o que Deus nos vai falar” (Sl 85,9).

Este outro aspecto do silêncio aparece na Bíblia de várias maneiras. Trata-se da experiência mística. A pessoa já não sai de frente de Deus, pois sabe que vai ser atendida: “Como os olhos dos escravos, fixos nas mãos do seu senhor, e como os olhos da escrava, fixos nas mãos da sua senhora, assim estão os nossos olhos fixos em Javé, nosso Deus, até que se compadeça de nós” (Sl 123,2). Diz um outro salmo: “Descansa em Javé e nele espera”. Literalmente se diz: “Esvazia-te diante de Javé e aguenta firme” (Sl 37,7). Em hebraico, a palavra *esperar* ou *aguentar* sugere a atitude da mulher em dores de parto. Apesar das muitas dores, ela *aguenta* firme, porque sabe que vai nascer vida nova. No Lamento de Jeremias, transparece a mesma certeza da vinda de Deus. Por isso, continua esperando: “É bom esperar em silêncio a salvação de Javé” (Lm 3,26). Este mesmo silêncio foi acontecendo na vida do profeta Elias na caminhada para o Monte Horeb (1Rs 19), na vida de Maria ao pé da cruz e na vida de tantas pessoas ao longo dos séculos. É a experiência mística da caminhada na Noite Escura à espera da chegada da luz. São João da Cruz fala da *Noite Escura* dos sentidos (silêncio ativo) e da Noite Escura do Espírito (silêncio passivo).

Os sete encontros

Nestes sete encontros que seguem, vamos olhar de perto estas duas dimensões do silêncio profético em sete níveis ou situações diferentes da nossa vida.

1º Encontro: A lição de silêncio que nos vem da natureza

O silêncio da natureza traz uma lição importante.

O silêncio da noite é bem diferente do silêncio do dia.

2º Encontro: A lição de silêncio presente no esforço comunitário

Quem não faz silêncio não sabe dialogar nem escutar, vive só.

O silêncio da solidão gera a solidariedade verdadeira.

3º Encontro: Escutar a voz de Deus no grito calado dos sofredores

Povo amordaçado silencia, mas não concorda.

O silêncio obrigatório não é silêncio.

4º Encontro: Escutar Deus no silêncio de todas as vozes

O engano provocado pela fotografia antiquada.

O silêncio do desencontro faz cair a ficha.

5º Encontro: Aprender a enxergar a luz no apagão total

O barulho do *ego* impede de sentir a angústia do *eu*.

O silêncio interior nos encontra sempre fora de casa.

6º Encontro: Escutar e enxergar no silêncio e na escuridão

O barulho do poder prepotente não consegue abafar o protesto silencioso.

O silêncio do grito calado dos presos se expressa em prece pública.

7º Encontro: Escutar Deus que nos fala em Jesus Cristo

Jesus é radical transparência no silêncio total.

Silêncio sonoro, solidão povoada.

Uma sugestão para a dinâmica dos sete encontros

A dinâmica é simples e espontânea, baseada e provocada por estes quatro elementos, misturados entre si: a contemplação das fotos, o confronto com os fatos da vida, a partilha das experiências e a iluminação a partir da Bíblia.

O objetivo é que o Segundo Livro de Deus (a Bíblia) nos ajude a descobrir e a escutar a Voz de Deus no Primeiro Livro de Deus, isto é, na vida, nos fatos, na natureza.

Os sete encontros seguem todos a mesma sequência que não é uma camisa de força, mas um simples roteiro para dar rumo às conversas da partilha e à escuta do silêncio:

Uma prece inicial

Mantra ou canto. Invocando a luz do Espírito Santo.

Olhando as fotos, olhando a realidade

Algumas palavras para explicitar o simbolismo das fotos.

Momento de silêncio

Partilhar o que sentimos ou reconhecemos em nós olhando as fotos.

Perguntas para aprofundar

Duas ou três perguntas para provocar a partilha das experiências.

Descobrir o apelo de Deus

Luz da Palavra de Deus: leitura de um texto da Bíblia.

Momento de silêncio

Partilhar o que sentimos, ao ligar o texto da Bíblia com a realidade de hoje, expressa nas fotos.

Para encerrar

Uma frase de Jesus

Recolher, partilhar e agradecer as luzes que recebemos para a vida.

Formular um compromisso relacionado com a prática do silêncio.

Pai-Nosso

Um salmo